

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

RENAN NISHIMURA

**FESTIVAL KOHOUTEKDE 1973: Reflexões a partir das narrativas de seus
participantes**

**Bagé
2020**

RENAN NISHIMURA

FESTIVAL KOHOUTEK DE 1973: Reflexões a partir das narrativas de seus participantes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Música

Orientador: Prof. Esp. Rafael Gonçalves Oliveira da Silva

**Bagé
2020**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

RENAN NISHIMURA

FESTIVAL KOHOUTEK DE 1973: REFLEXÕES A PARTIR DAS NARRATIVAS DE SEUS PARTICIPANTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Música da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 14 de dezembro de 2020.

Banca examinadora:

Prof. Esp. Rafael Gonçalves Oliveira da Silva

Orientador
(UNIPAMPA)

Prof. Dra. Lúcia Helena Pereira Teixeira

(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Silva

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **LUCIA HELENA PEREIRA TEIXEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/12/2020, às 12:37, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **RAFAEL GONCALVES OLIVEIRA DA SILVA, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO**, em 18/12/2020, às 14:41, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **RAFAEL RODRIGUES DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/12/2020, às 14:41, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0430935** e o código CRC **CB0AF4D5**.

Referência: Processo nº 23100.018348/2020-82 SEI nº 0430935

AGRADECIMENTO

Aos pais Hélio Nishimura e Renata Cristina Galego por tudo que me ensinaram e vão ensinar.

Aos irmãos Hugo Toshiyuki Naito e Jéssica Corrêa Nishimura por suportar a distância por tanto tempo.

A avó Myioko Takahashi Nishimura pela sabedoria e incentivo.

Ao Prof. Rafael Gonçalves Oliveira da Silva por não deixar que eu desistisse do trabalho.

Ao Prof. Dr. André Reck por abrir minha cabeça para diferentes perspectivas de se fazer este trabalho.

Ao Prof. Dr. Alessandro Bica, pela inesquecível frase: “Faça entrevistas, e não esqueça o que significa você estar pesquisando sobre isso”.

À Prof^a. Dra. Lúcia Helena Pereira Teixeira, por tudo.

A todos os professores do Curso de Licenciatura em Música pela paciência quase budista para comigo e pelo mundo novo que abriram em minha vida.

Ao colega de curso Andreivis Rufino Henrique por ser tal qual um irmão durante essa longa caminhada de formação.

Aos colegas de curso de Licenciatura em Música Joicelene Rodriguês Batista, Julian Silva do Pinho, Ígor Duarte Lima pela colaboração em encontrar participantes do festival.

Aos amigos Igor Bonifácio de Miranda, Yago Rodrigues Cruz, Ricardo, Ricardo Campos Pereira pela amizade e conselhos.

À pessoa especial Jessica Eilert Gonçalves pela força, aconchego e contribuição com as correções.

“Uma vida sem reflexão não vale a pena ser vivida”.

Sócrates

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, em forma de artigo monográfico, tem por objetivo refletir qualitativamente a partir das narrativas de entrevistados sobre o significado de ter participado do festival Kohoutek de 1973, que aconteceu na cidade de Bagé/RS. Busca de forma sucinta trazer reflexões acerca das memórias dos participantes, através de suas narrativas concedidas em forma de entrevistas e transcritas para este trabalho. Através de discussões entre textos referências e as narrativas dos participantes, busca refletir a partir do contexto sócio-cultural e político da época, buscando assim trazer suas histórias, lembranças e pontos de vista, de forma a compreender o festival no período ao qual se deu e os significados presentes. Também traz reflexões sobre a utilização da palavra liberdade, trazendo vários sentidos diferentes durante a caracterização do festival pelos participantes entrevistados, buscando compreender essa liberdade em relação ao contexto sócio-político e a cultura de festivais que fervilhava naquele momento.

Palavras Chave: Kohoutek, Festival de Música, Narrativas, Reflexões.

ABSTRACT

The present work of conclusion of course, in the form of a monographic article, aims to reflect qualitatively from the interviewees' narratives about the meaning of having participated in the 1973 Kohoutek festival, which took place in the city of Bagé / RS. It succinctly seeks to bring reflections on the memories of the participants, through their narratives granted in the form of interviews and transcribed for this work. Through discussions between reference texts and the participants' narratives, it seeks to reflect from the socio-cultural and political context of the time, thus seeking to bring their stories, memories and points of view, in order to understand the festival in the period to which it took place and the present meanings. It also brings reflections on the use of the word freedom, bringing several different meanings during the characterization of the festival by the interviewed participants, seeking to understand this freedom in relation to the socio-political context and the culture of festivals that simmered at that time.

Keywords: Kohoutek, Music Festival, Narratives, Reflections.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IMBA – Instituto Belas Artes
UNIPAMPA –Universidade Federal do Pampa
UTI – Unidade de Tratamento Intensivo
UNE – União Nacional dos Estudantes
TV – Televisão

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI! | 14 |
| 1.1. <i>Uma carona e uma conversa</i> | 14 |
| 1.2. <i>As dificuldades da pesquisa</i> | 16 |
| 2. O PRESENTE TRABALHO... | 19 |
| 3. VAMOS FALAR SOBRE O FESTIVAL | 21 |
| 3.1. <i>Cultura de festivais e o contexto local e político</i> | 21 |
| 3.2. <i>O festival e suas narrativas</i> | 25 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 31 |
| REFERÊNCIAS | 32 |

1. COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI!

1.1. *Uma carona e uma conversa*

O interesse pela temática deste trabalho deu-se após uma conversa, em maio de 2017, com um morador da cidade de Bagé-RS, durante uma carona, do bairro Ivo Ferronato ao centro do município. Embora tenha sido uma breve conversa, para quebrar o gelo enquanto fazíamos um trajeto curto de carro. As informações que me foram dadas, de um festival de música realizado na cidade, chamaram minha atenção devido à forma com que foram contadas, incitando certa curiosidade após esse encontro.

O morador, ao ver que eu portava um violão, comentou que há muitos anos, em sua juventude, fazia aulas de flauta no IMBA (Instituto Municipal de Belas Artes) de Bagé/RS, e que nesse período era bem engajado no aprendizado musical. Disse que não se lembra muito das apresentações e recitais que participou, mas que houve uma apresentação que marcara muito sua juventude, o festival Kohoutek, que foi realizado no início da década de 1970.

Em seu relato, contou que tinha por volta de quatorze a quinze anos de idade e que, naquela época, além de não haver tantos eventos para jovens como na atualidade, a rigidez da educação em meio ao contexto da ditadura militar não permitia aos pais que dessem aos jovens a “liberdade” que hoje é dada.

Quando tocou flauta com o grupo de flautas do IMBA em um evento, no qual se faz presente uma quantidade numerosa de jovens da cidade, essa experiência marcou muito sua vida, fazendo-o lembrar-se até os dias de hoje de momentos daquele dia.

Perguntei o que havia de diferente neste festival em relação às outras apresentações, além da faixa etária do público. Ele respondeu que era um festival de *rock'n'roll* com temática *hippie*, baseou-se no *Festival de Woodstock(1969)* para descrever, e que gerava bastante expectativa para os jovens. Por isso o nome dado ao festival foi Kohoutek, de 1973, já que naquele ano havia bastante expectativa em visualizar-se o cometa de mesmo nome, a olho nu.

Contou que o grupo de flautas abriu as apresentações, que alguns músicos do Uruguai estavam presentes, e que houve outras apresentações artísticas como

grupos de danças e recitais de poemas. Falou também que havia bandas de rock que se apresentaram, porém não lembrava os nomes. Para muitos ali presentes, inclusive para ele, seria a primeira experiência de assistir a apresentações deste estilo. Complementou que parecia um “festival hippie” no qual a temática central era liberdade. Segundo ele, no contexto da época, via que os jovens eram mais engajados em lutar pelos próprios ideais.

Durante a conversa, questionei sobre o repertório que eles tocavam, e respondeu que o grupo de flautas tocava músicas folclóricas gaúchas e músicas populares brasileiras. Cantorolou por um tempo a introdução da música “Asa Branca” para referir-se a uma canção que não lembrava o nome, e citou algumas músicas do folclore gaúcho. Reforçou que, por mais que fosse um festival de rock, não era necessário só ter apresentações do gênero, já que o palco era aberto para qualquer tipo de apresentação artística.

A conversa se estendeu para outras temáticas pessoais, até a chegada ao destino. Ele comentou, ainda, que não se lembrava muito das outras apresentações que participou, e anos mais tarde acabou parando com as aulas de flauta, pois começara a estudar em sua área de profissão atual, que é Engenharia Civil. Desde então, apesar de ainda possuir a flauta, a guarda como relíquia e não a utiliza há bastante tempo.

As informações dessa conversa trouxeram várias questões intrigantes que me faziam pensar que deveria ter perguntado mais sobre o assunto. Primeiro, porque sentia que ele gostaria de falar mais a respeito, segundo porque eu não havia compreendido a real dimensão, tanto espacial quanto social do evento, levando em conta as várias implicações sociais, culturais e políticas que o festival significava naquele momento histórico.

Várias questões gostaria que fossem respondidas: Que evento foi esse que marcou tanto a vida deste cidadão para, mais de quatro décadas depois, ele ainda contar com tanto saudosismo e nostalgia? Já que foi tão significativo para ele, será que também foi aos outros participantes? O que era a liberdade sentida por eles nesse evento?

1.2. As dificuldades da pesquisa

Faz-se importante apresentar as dificuldades que apareceram no decorrer da pesquisa na introdução deste trabalho, uma vez que, a partir delas, novas perspectivas também se apresentavam.

Pretendia-se, inicialmente, a partir deste trabalho de conclusão apresentado ao curso de Música – Licenciatura da UNIPAMPA, fazer um apanhado documental, analisando qualitativamente os dados de fontes como jornais, revistas, *folders* do evento, fotografias, acervos fonográficos entre outras matérias encontradas, para buscar compreender o festival enquanto fenômeno social e educativo, além das implicações neste do período no qual estava inserido. Entretanto, as primeiras dificuldades e frustrações deste trabalho se deram em 2018. A busca por registros escritos e visuais como fotos, cartazes, documentos escritos se tornaram a primeira frustração. Não encontrei, tanto em arquivos municipais, nem de instituições, qualquer informação sobre o festival. Naquele ano, passei até a me questionar sobre a existência de documentação, quando um dos colaboradores deste estudo, prof. Dr. André Muller Reck, sugeriu o foco em documentação oral, dando início à metodologia *in loco* neste trabalho.

Em 2019, não posso deixar de citar a aluna e colega de turmas, Joicelene Rodrigues Batista, que me indicou uma pessoa que dizia ter participado do festival. Por meio da indicação, entrei em contato com esta pessoa através de uma rede social e, utilizando da ferramenta de mensagens desta rede, esta acabou por me passar informações interessantes sobre o festival. Embora tenha me ajudado muito a compreender a dimensão sócio-política do festival, não concordou que utilizasse as informações dadas e em fazer entrevistas, mesmo que o citasse com pseudônimo, e então me passou outros dois contatos que ele lembrara que participaram na organização do evento. Ao entrar em contato com esses outros dois participantes, fui surpreendido com certa rispidez de ambos. Naquele momento, me via com dados que não poderia utilizar, e não entendia a delicadeza do assunto para os outros envolvidos.

No segundo semestre de 2019, resolvi voltar à estaca zero, e repensar sobre metodologia, e a razão pela qual falar sobre o festival se tornara tão delicado. Foi então que, graças à ajuda do também colega de turma Ígor Duarte, entrei em

contato com outro participante do festival, o Vanderlei (pseudônimo atribuído ao primeiro entrevistado), a quem tive o prazer de conhecer, e que concordou em fazer uma entrevista gravada. Além das entrevistas concedidas, pudemos ter longas conversas a respeito do assunto. A partir das conversas com o VANDERLEI comecei a refletir sobre o que significa ter participado deste festival. A delicadeza do assunto nos dias de hoje, o que implicava pertencer à juventude que participara do festival há mais de quarenta anos atrás, e não só o que significara, mas também o que significa, hoje, ter participado do evento. Depois de conseguir uma entrevista gravada, e o contato de mais participantes, a pesquisa, infelizmente, não pode ser concluída.

Em 2020, já havia planejado dar um tempo à minha formação, e também buscar um tema menos desafiador para quando desse continuidade no componente, pretendendo regressar à Bagé no segundo semestre do mesmo ano, para iniciar nova pesquisa e concluir o trabalho de conclusão do curso. Retornei ao estado de São Paulo para passar um tempo com a família, e, no início do primeiro semestre de 2020, o mundo foi surpreendido como vírus COVID-19. Junto com a pandemia, foram implementadas as políticas de quarentena como forma de defesa contra a possibilidade de superlotação das UTIs (Unidades de Tratamento Intensivo), e, conseqüentemente, o aumento no número de óbitos.

Devido ao estado de emergência e a possibilidade de ensino a distância, as instituições públicas e privadas de ensino se reorganizaram. Estratégias de contemplar o ensino remoto, sem que prejudicassem os alunos, servidores ou professores, foram elaboradas. Em meados de setembro de iniciaram-se os componentes relativos ao primeiro semestre do mesmo ano, na Universidade Federal do Pampa. Assim, uma vez que a duração do corrente semestre letivo seria menor do que tradicionalmente a realização do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) no formato de artigo monográfico. No início do primeiro semestre letivo de 2020, surgiu a possibilidade de iniciar o componente TCCII, e a mudança para o atual orientador, Prof. Rafael Gonçalves Oliveirada Silva, que devido à proximidade de seu foco de estudos com o tema deste trabalho, me encorajou a continuar a pesquisa, mesmo que a distância. O formato de artigo monográfico permitiu que dados já obtidos fossem suficientes para reiniciar o trabalho, e apesar da mudança de estratégia devido às implicações da distância, o acesso digital possibilitou que entrasse em contato novamente com o participante Vanderlei e reencontrasse o

participante Claudinei, este que foi o primeiro a falar sobre o festival. Assim, este trabalho segue com reflexão diferente da inicial, focando-se em sua importância na memória dos atuais entrevistados.

2. O PRESENTE TRABALHO...

Levando em consideração as dificuldades apresentadas anteriormente, prezando as experiências no decorrer, como construtoras de conhecimento empírico para a elaboração deste trabalho, houve a necessidade de exteriorizar neste as reflexões a partir das memórias dos participantes. Neste cenário, o presente trabalho tem por objetivo, refletir sobre o significado-do festival Kohoutek em suas vidas, além de refletir sobre o lugar deste festival no momento político e social no qual se insere.

Devido à natureza do trabalho, a abordagem será qualitativa, já que segundo Minayo (1994), se trata de uma pesquisa apoiada em um “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis”. (1994 apud BRÊTAS, 2000, p.83). O objetivo da pesquisa qualitativa não pode ser o de pretensamente explicar a realidade em si ou apenas descrever os fatos reais. A abordagem qualitativa busca a tradução das relações ocorridas no cotidiano para a linguagem científica, e que a elaboração de textos deve ter consciência da distância que separa a interpretação da realidade, pois os fatos são socialmente construídos. (DE ALMEIDA, 2009). Considera-se que o investigador não é “objeto neutro” na pesquisa, embora “a investigação com abordagem qualitativa deve ter por foco a “qualidade da informação produzida”, e seja “inseparável das reflexões e das construções do pesquisador durante a pesquisa”. (TEIXEIRA, 2015, p. 28).

Partindo da abordagem qualitativa, a constituição de fontes de dados para este estudo se deu através de entrevistas, onde as reflexões foram feitas a partir das transcrições das narrativas da memória dos participantes dispostos a “compartilhar” suas experiências vividas no festival. Ao se trabalhar com as narrativas da memória, leva-se em consideração, que “a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”(POLLAK, 1992, p.201).

Foram entrevistados dois participantes do festival, utilizando-se de chamadas de vídeo pelo aplicativo Google Meet. Por causa das implicações da quarentena, e a necessidade de manutenção de distância entre entrevistador e entrevistados, optou-

se pela utilização das vídeo-chamadas para possibilitar a comunicação direta. Além disso, também havia a questão da distância geográfica entre os interlocutores, visto que o pesquisador se encontra no estado de São Paulo enquanto os colaboradores em Bagé/RS. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Para as entrevistas, levou-se em conta que ao “narrador oral não interessa convencer seu ouvinte como deve fazer um orador. A esse narrador interessa que adentremos em sua história, fazer com que seus ouvintes vivam o que os personagens de seu relato viveram (VERGARA, 2004apud. PERAZZO, 2007, p. 125). Para as entrevistas, baseei-me nas regras propostas por Muylaert (2014) em seu texto sobre entrevistas narrativas:

- 1 - Necessita fazer parte da experiência do informante, para garantir o seu interesse e uma narração rica em detalhes;
- 2 - Deve ser de significância pessoal e social, ou comunitária;
- 3 - O interesse e o investimento do informante no tópico não devem ser mencionados, para evitar que se tomem posições ou se assumam papéis já desde o início;
- 4 - Evitar formulações indexadas, ou seja, não referir datas, nomes ou lugares, os quais devem ser trazidos somente pelo informante, como parte de sua estrutura relevante.

Os entrevistados serão tratados neste trabalho com pseudônimos para a privacidade de ambos:

Vanderlei: Atualmente tem 65 anos, morador da cidade de Bagé/RS, e participante ativo na cena de bandas marciais da cidade. Tocou violão com o grupo de flautas que se apresentou no festival.

Claudinei: Atualmente tem 61 anos, reside na cidade de Rio Grande/RS, atua como engenheiro civil. Tocou flauta barroca soprano com o grupo de flautas que se apresentou no festival.

3. VAMOS FALAR SOBRE O FESTIVAL

Neste capítulo busca-se, através do diálogo entre as narrativas dos participantes, contextualizar o festival, o período, o local, e a participação com base no ponto de vista dos entrevistados, além de refletir sobre o significado da participação do evento. Os trechos das narrativas foram transcritos da forma que foram ditas, como constam nos apêndices A, buscando, assim, não distorcer a linguagem utilizada e mantendo a complexidade presente em suas entrevistas.

3.1. Cultura de festivais e o contexto local e político

É importante salientar que, em 1973, ano do festival, seu acontecimento se torna mais complexo, levando-se em conta os vários fatores de sua temática e o contexto histórico local no qual estava inserido, já que, naquele momento, o país entrava no nono ano dos mais de vinte anos da tão polêmica Ditadura Militar brasileira. Compreende-se que, embora mais de quarenta anos tenham se passado, as reverberações da guerra ideológica daquele período são sentidos e vividos até hoje, de tal forma que parte das dificuldades de campo deste trabalho se deu devido a essas repercussões.

Em conversas pré entrevista com Vanderlei, foi explicada a delicadeza do tema deste trabalho. O que poderia implicar hoje ter participado deste festival há tanto tempo atrás? Embora este trabalho siga com o enfoque em compreender o significado da participação no festival, e como já dito anteriormente, sob a ótica da pesquisa social, o contexto no qual se apresenta poderia implicar em o passado ir de encontro à vida pública atual de parte desses participantes. Vanderlei declarou que para é importante falar sobre, e que não precisaria do uso de pseudônimos para citá-lo; entretanto, para fins éticos, foi necessária a utilização. Dito isto, no decorrer deste subcapítulo, será feita uma discussão entre textos referências e as narrativas de Vanderlei, para contextualizar o festival em meio aos fatos políticos e sociais daquele momento.

Durante a entrevista, Vanderlei narrou sua experiência, apresentando vários pontos a serem refletidos, de forma que, para compreender sua fala, é importante que haja uma contextualização do Festival Kohoutek de Bagé/RS, em 1973. Em

uma de suas falas Vanderlei diz: “*Tu via guris de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, os jovens da UNE*”. A União Nacional dos Estudantes (UNE), “refletia para os militares, o lado subversivo e transgressor” (SAGGIORATO, 2008.). Visto que, nesse período, “estudantes e intelectuais desenvolviam atividades de militância política e cultural, onde discutiam questões de transformações sociais no Brasil que, entre outras coisas, visavam o fim da ditadura militar” (*Ibid.*).

Naquele mesmo ano, o país ainda era marcado pelo decreto AI-5 (Ato Institucional nº 5, instituído em 1968 e vigorando até 1978). Nas palavras de Teixeira (2015, p.28) “[...] a partir da edição do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 1968, foi inaugurado o período conhecido como ‘anos de chumbo’, por ser conduzido e apoiado pela extrema-direita militar, a ‘linha dura’” (TEIXEIRA, 2015, p.28), justificando os termos “anos de chumbo” e “linha dura”, atribuindo ao decreto o totalitarismo ideológico. O ato institucional tinha por finalidade romper com práticas culturais e ideologias que fizessem oposição ao posicionamento da extrema direita militar que, segundo Saggiorato (2008), em seu estudo sobre o rock nos anos de chumbo, diz que o AI-5 “[...] dentre outras coisas, veio combater o crescimento das manifestações estudantis”. Entre todas as medidas de segurança adotadas, também tomava “a liberdade vigiada, a proibição de frequentar determinados lugares, e o domicílio determinado” (SAGGIORATO, 2008).

Os momentos de sua narrativa que Vanderlei contextualizou a cidade nos anos 1970 remetiam a Bagé como uma cidade do interior, próspera:

Tu tem que pensar como se tivesse nascido e crescido naquele tempo. Nem Bagé era igual, era muito diferente. Tinha bem menos habitantes, mas era a Rainha da Fronteira. Vivíamos com a promessa do Militão. O maior centro desportivo da América Latina. (VANDERLEI, em entrevista)

Me lembro que foi um festival de rock, e era novidade em Bagé. (CLAUDINEI, em entrevista)

Os eventos que ocorriam na cidade, na década de 1970, são vistos por ele como promessas de um antigo polo em ascensão. O município foi citado pelo entrevistado como a “Rainha da Fronteira Brasil/Uruguai”, entretanto uma rainha da fronteira que acabou declinando. Sente como se, na atualidade, este título não a pertencesse mais. Bagé foi, contudo não é mais. Essa ascensão, se vista pela dimensão econômica, pode se referir ao fato de que Bagé fazia parte dos vinte e um

municípios considerados como área de segurança do Rio Grande do Sul. Segundo Da Costa(2020), o Decreto-Lei N° 1. 135 de 3 de dezembro de 1970

determinou como competência do Conselho de Segurança Nacional (CSN) indicar as áreas indispensáveis à segurança nacional e os municípios considerados de seu interesse, definindo que nessas regiões consideradas estratégicas, fossem estabelecidos investimentos que desenvolvessem as suas potencialidades econômicas, de acordo com os interesses do Regime instaurado com o Golpe de 1964. (DA COSTA, 2020, p.441)

Nas palavras de Coitinho(2016),a cidade “[...] localizada a aproximadamente 400 km da capital gaúcha, Porto Alegre, possuiu vasta importância e relevância no cenário político nos anos de ditadura militar”, justificando que “[...]o apoio à realidade nacional era nítido nos governantes municipais”, já que estes “aspiravam posições de destaque em nível estadual e nacional”. Também é importante apontar que o país passava pelo quarto ano de vigência do governo do então “[...]exemplo de bajeense bem-sucedido à época” quefoi o general Emílio Garrastazu Médici, Presidente da República de 1969 a 1974” (COITINHO, 2016, p.20).

Em simultâneo, temos a cultura de festivais no Brasil. Se faz importante saber que da metade dos anos 1960 até o início de 1970 havia um estouro de festivais de MPB sendo transmitidos por famosas emissoras como, refere-se Marcon(2011):“a extinta TV Excelsior, de São Paulo que organiza o “I Festival Nacional da Música Popular Brasileira, e outras emissoras de televisão como a TV Record e a TV Globo”(Marcon, 2011), que apostaram no formato dos programas e passaram a organizar seus próprios festivais.

Fléchet caracteriza a forma de festival para a platéia:

“A participação em festivais, para a plateia, implica formas de recepção muito diversas em relação a outros tipos de apresentações musicais. Nestas manifestações, especificamente, a experiência musical concentra-se por um determinado período de tempo, quando são apresentadas diferentes concepções sonoras” (FLÉCHET, 2011, p. 262).

Fléchet (2011) também destaca o aspecto festivo daqueles eventos, por serem “momentos coletivos,que combinam arte, lazer e uma certa ideia de comunhão do público” (FLÉCHET, 2011, p. 258). Dessa forma os festivais de música popular, uma vez que são vivenciadas diferentes sonoridades e propostas musicais em um mesmo espaço, com grupos diversos, o que pode proporcionar

possibilidades de “emoções coletivas vividas simultaneamente” (FLÉCHET, 2011, p. 262).”. É importante compreender essa forma de festivais, levando em conta as discrições e comparações ocultas presentes nas falas dos entrevistados.

Segundo (Marcon, 2011), a instauração do AI-5, em 1968, fez com que a maioria dos festivais de MPB entrassem em decadência no início da década de 1970. E, no sul do país, iniciava-se a era dos festivais nativistas” (Ibid. p.9). Na fala de Vanderlei “*Não era só bagualismo que nem pensas!*”. Ao contextualizar o festival em Bagé naquele período, o termo “*bagualismo*”, expressa um sentido. Poderia estar se referindo à cultura do regionalismo gaúcho que, de certa forma, naquele momento, toma nova forma, visto que nesse mesmo período emergem os festivais nativistas. Citando Silva, o movimento nativista nasce com “*o intuito de estimular os artistas locais a interpretar suas composições de maneira livre, justamente, para valorizar as produções culturais da música gaúcha*” (SILVA, 2019).

O entrevistado, ao justificar o modelo de festival, diz: “*Os guris queriam fazer igual aquele festival hippie americano, que o Hendrix faz aqueles solos de guitarra [...] Woodstock. Eu gostava desse padrão de festa, esse negócio de hippie, não era como os de hoje*”. Ao descrever o festival, foi percebida a referência comparativa de Vanderlei do Festival Kohoutek em relação ao Festival “Woodstock”. Saggiolato contextualiza a chegada da filosofia cultural norte-americana ao Brasil:

No final da década de 1960, surgem vários festivais como o Festival de Monterey Pop, Ilha de Wright e o Woodstock, os quais consolidaram e lançaram nomes como, Carlos Santana, Joe Cocker, The Who, Crosby, Stills, Nash & Young, Janis Joplin, Jimi Hendrix, entre outros [...] No início dos anos 1970, alguns documentários musicais foram produzidos para as telas de cinemas norte-americanos, alguns desses documentários, como o próprio Woodstock, Celebrationat Big Sur, Let it Be, Fillmore, e Mad Dogs and Englishmen, chegaram ao Brasil na mesma década, trazendo com eles a filosofia cultural americana. (SAGGIORATO, 2008, p.32)

Nesse período, em território nacional, vários outros festivais foram produzidos inspirados na filosofia *hippie*, entre os quais se destacam:

[...] o Festival de Guarapari, Concerto Pirata, Dia da Criação, Festival Kohoutek, e o Festival de Águas Claras. Bandas como O Terço, Novos Baianos, Casa das Máquinas, Som Imaginário, entre outras, traduziram os ideais de artistas ingleses e norte-americanos para uma realidade brasileira. (SAGGIORATO, 2012, p. 295)

Uma característica importante a ser citada no modelo “hippie” proposto para o festival Kohoutek, o fato de os festivais que seguiam essa filosofia geralmente não envolviam premiações, como foi o caso do festival Kohoutek, o que diferia das outras formas de festivais como os festivais nativistas.

Foi sentida essa necessidade de contextualizar o período devido a certos momentos da narrativa, onde Vanderlei confrontou dizendo: *“Tu não entende, não. Tu pensa como se fossem os dias de hoje. Tu tem que pensar como se tivesse nascido e crescido naquele tempo.”* Com isso, um contexto local se fez importante, entender o que se passava naquele momento para compreender o lugar do festival Kohoutek no período no qual ocorreu. Compreende-se que muito do que foi narrado pelos entrevistados necessitou de uma contextualização, visto que muitas coisas que parecem óbvias do ponto de vista deles, não são para os demais, pois faz parte de um conhecimento intrínseco de quem vivenciou aquele período.

3.2. O festival e suas narrativas

Para a reflexão acerca das narrativas apresentadas, vale ressaltar que ambos os participantes não declaram posicionamento quanto às questões políticas mencionadas no subcapítulo anterior. Em certos momentos, na fala de Vanderlei, aparece: “Eu não estava nem aí pra comunistas, conservadores e essas coisas. Só queria ser livre”. Já, Claudinei demonstra certo cuidado em não entrar em questões políticas. Na verdade, apresentam até certo afastamento quanto a posicionamentos mais radicais.

O Festival Kohoutek aconteceu em 1973, no bosque Eduardo Contreiras Rodrigues, que, na época, pertencia à escola, conhecida pelos moradores de Bagé como “Colégio Estadual”, atual Escola Estadual Prof. Dr. Carlos Antônio Kluwe. O entrevistado Vanderlei inicia sua narrativa dizendo:

Foi em setenta e três se bem me recordo, esse tal festival Kohoutek; Esse festival foi no Estadual, naquele espaço grande do lado, sabe? O bosque? Os guris queriam fazer igual aquele festival *hippie* americano, que o Hendrix faz aqueles solos de guitarra[...]. (VANDERLEI, em entrevista)

Nanarrativa do entrevistado Claudinei, há certo detalhamento maior de informações quando descreve o espaço onde aconteceu o festival:

Aconteceu há bastante tempo. Eu era garoto, mais novo que a minha filha, bem mais novo, por volta de uns quatorze anos. Me lembro que foi um festival de rock, e era novidade em Bagé. Lembro que foi no ano do cometa Kohoutek, até por isso do nome do festival[...]; O lugar era arborizado, bem verde. Conhece aquele bosque do centro? O do Estadual; foi lá. O bosque era bem maior do que é hoje. Não tinha ginásio ali, aquilo era tudo bosque.”(CLAUDINEI, em entrevista)

As falas de ambos os participantes são congruentes quando falam a respeito do local do festival e sua temática. Entretanto, em relação à data específica, não se recordaram com exatidão, tanto durante as entrevistas quanto nos momentos de conversa pré e após entrevista. Durante a entrevista, Claudinei diz ter acontecido entre junho e julho de 1973. Em contrapartida, o participante Vanderlei, em conversa, lembra que o festival aconteceu no verão de setenta e três.

Para contextualizar o festival, em suas narrativas, os entrevistados falam em certos momentos sobre a disposição de público no espaço e organização. É interessante deixar registrado que nesses momentos de descrição, os entrevistados gesticulavam bastante, apontando, desenhando no ar formas com as mãos, como se enxergassem as disposições na memória, e de certa forma, tentassem ajudar a desenhar no imaginário do entrevistador os momentos do festival:

Era uma junção dos grêmios estudantis, que naquela época eram outros tempos, os grêmios faziam as coisas. Nós não ficávamos o tempo todo lá, só os guris das outras cidades que ficaram uma semana acampados no bosque; daí tinha um espaço pra barracas.[...] Ficava aberto, quem quisesse se apresentar se apresentava, quem quisesse assistir assistia, desde que intercalassem com as aulas. [...] Mas quando tu andava por aquele bosque, os guris sentados no chão...[...] Eu gostava desse padrão de festa, esse negócio de *hippie*. Um festival *hippie* era descolado, era liberdade. Tu via guris de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, os jovens da UNE. (VANDERLEI, em entrevista)

Não tinha assentos, as pessoas ficavam espalhadas pelo bosque. Uns grupos ficavam sentados em forma de roda, ou levavam tapetes. Alguns levavam cadeiras de casa, quem não queria sentar no chão ficava em pé. [...] Tinha palco, som, tudo feito pelos grêmios e pelos estudantes [...] meio que em mutirão. Quem sabia mexer com madeira ajudava na construção do palco, quem escrevia e desenhava bem fazia os cartazes. [...] Montaram o palco bem no canto, quase encostado com a escola. E, falando assim, tu não imagina a dimensão do palanque; era bem alto, dava até pra ficar embaixo. (CLAUDINEI, em entrevista)

Ambos concordam a respeito da disposição do público. Nota-se que ambos observaram que era um espaço aberto, e propositalmente não havia assentos frente

ao palco; na verdade, se dispunham no bosque das formas que achassem mais cômodas. Pode-se dizer que essa observação de ambos é um comparativo à diferença de disposição de público em outras formas de apresentação como em teatros, auditórios, circo, etc. Pra Claudinei essa forma de disposição de público é representada como *“uma sensação bem boa! Uma liberdade!”*. Ou seja, assim as pessoas que estavam prestigiando as apresentações não tinham lugares predispostos a elas, eram livres para assistir onde e da forma que achassem mais conveniente. A permissividade disposta no cerne do festival trazia à tona uma sensação boa para Vanderlei. Pode-se dizer que Vanderlei sentia-se livre também ao presenciar a liberdade de outrem. Vanderlei e Claudinei apresentam várias características que diferem das formas “tradicionais” de festival. Dessa forma, enquanto Vanderlei fala muito sobre a liberdade e em todos os aspectos, em certos momentos sobre a permissividade, em outros, pelo fato de não ter premiações nem cachês, Claudinei já estranha a disposição do público no espaço e a circulação frequente de pessoas.

Tu não sabia? Durou uma semana! O espaço ficava aberto, quem quisesse se apresentar, se apresentava; quem quisesse assistir, assistia. Tu tinha que intercalar com as aulas se quisesse que os alunos estivessem lá na hora de apresentar tua arte. Apesar que haviam pessoas que circulavam por lá o tempo todo. Nós não ficávamos o tempo todo, só os guris das outras cidades que ficaram a semana acampados no bosque. Daí tinha um espaço pra barracas onde haviam as reuniões deles também, mas o espaço ficava aberto pra qualquer um circular, não tinha um impedimento, sabe? (VANDERLEI, em entrevista)

Havia pessoas de todas as faixas etárias, porque ficava aberto, mas a maioria eram jovens de variadas idades; os mais novos, como eu, e um pessoal dos dezoito pra cima. Participaram bastante jovens. Nada comparado a uma multidão de milhares, mas a festas daquela época, sim. Posso arriscar aqui que umas centenas estavam presentes. Outra coisa é que circulava bastante gente, então é difícil eu chutar um número aqui. Mais de trezentas, talvez. Fica difícil chutar um número, porque não ficava todo o pessoal todo apertado no bosque. Como dizem na TV, aglomerados. Porque o bosque era bem espaçoso, então as pessoas ficavam espalhadas por lá. Era bem espaçoso pras pessoas que estavam circulando por ali. (CLAUDINEI, em entrevista)

A respeito das falas sobre o público, Vanderlei dá mais ênfase aos agrupamentos, as atividades semanais e a permissividade, enquanto Claudinei fala de forma mais geral em relação ao público presente e descreve apenas os números

ou faixas etárias. Ao analisar as falas de ambos, foi percebido que considerar certas diferenças entre os entrevistados ao contextualizar os fatos corrobora para uma interpretação mais abrangente de suas narrativas. O entrevistado Vanderlei tem uma dimensão mais detalhada em relação a certos agrupamentos; era de seu interesse saber a cidade e o círculo social ao qual pertenciam. Pode-se levar em conta vários fatores que permitiram a VANDERLEI um maior contato com esses agrupamentos. Entre os dois participantes há certa diferença de idade: na época, Claudinei tinha por volta de quatorze anos, enquanto Vanderlei estava completando a maioridade.

A respeito das apresentações musicais, em um momento Claudinei diz ter tido uma educação mais conservadora: *“Eu era bem novo, então não podia ficar até muito tarde, senão era coro em casa”*. Devido a isso, não pode ficar até o fim. Ambos não se aprofundaram sobre as demais apresentações e entram em concordância quando se trata da apresentação do grupo de flautas:

Quando apresentamos com o grupo, haviam várias apresentações no mesmo dia, uma atrás da outra. Nós que abrimos as apresentações. Nós fomos pra tocar o repertório do grupo de flautas; ninguém reclamava, não, ainda mais que queríamos divulgar o IMBA. Tocamos um *pot-pourri* de folclóricas, música gaúcha; nosso repertório era brasileiro.[...] O arranjo da Asa Branca era espetacular!(VANDERLEI, em entrevista)

Abrimos as apresentações, cheguei a assistir algumas apresentações depois da nossa, mas não fiquei até o fim. Tocamos com o grupo de flautas as músicas das aulas, o *pot-pourri* de folclóricas sabe... Mulher Rendeira... Tinham as mais populares também, gaúchas, a Asa Branca.... não me recordo direito....Foi divertido... (CLAUDINEI, em entrevista)

Interessante notar que, para ambos, a música Asa Branca se destaca de certa forma ao falarem dela; não se recordam de muita coisa a respeito das demais apresentações, e pouco lembram também a respeito das outras músicas apresentadas. Durante as entrevistas e demais conversas com outros participantes, apareceu a música Asa Branca, de alguma forma. Em um momento da entrevista, Claudinei conta essa história, envolvendo o outro entrevistado:

O palco [...] era bem alto, como te disse, cabiam pessoas embaixo. As laterais, falo do chão ao cume, sabe, do chão ao piso do palco, na verdade. As laterais eram cobertas com uma espécie de pano, um pano branco. Com a iluminação, quem estava na frente do palco via só as sombras de quem estava embaixo [...]. O Vanderlei[...] deu a

ideia de gingar capoeira embaixo do palco. Isso enquanto o grupo de flautas tocava a Asa Branca. Até descemos pra ensaiar com ele, mas acabamos que não dançamos na hora. Só que um pessoal viu a gente ensaiando e gostou da ideia. Então, a todo o momento, havia alguém lá embaixo do grupo dançando ou fazendo figuras de sombra. Parecia um telão de shows.(CLAUDINEI, em entrevista)

Para os participantes do grupo de flautas, essa música tinha um valor simbólico que não foi especificado, mas é notável a presença dela naquele momento. Participa das memórias dos participantes até hoje e, de certa forma, simboliza a apresentação do grupo naquele momento específico. É importante observar, também, nos recortes das narrativas apresentados, que quando falam do festival ambos referenciam um gênero ou forma específica: *“queriam fazer igual aquele festival hippie americano, que o Hendrix faz aqueles solos de guitarra”*, *“lembro que foi um festival de rock”* e *“Eu gostava desse padrão de festa, esse negócio de hippie”*. Em outros momentos aparecem alguns argumentos que aparentam “contraditórios” se interpretar “rock” como gênero musical, principalmente quando falam sobre o repertório, ou sobre as apresentações que aconteceram no decorrer do festival. O entrevistado Claudinei, por exemplo, em um trecho, justificando o que ouvira no festival: *“[...] não tocava só rock lá não, a gente fala festival de rock pelo jeito que foi organizado, mas tinha de tudo”*. Nota-se, que quando se refere a “rock” quanto ao modelo intrínseco de festival, atribui um sentido mais amplo, diferente de quando utiliza o termo para gênero musical.

Em vários momentos, tanto Vanderlei quanto Claudinei adjetivam o festival como *“hippie”*, *“de rock”* ou, no caso das falas de VANDERLEI, *“liberdade”*, justificando a decorrente forma, modelo, disposição de público ou práticas sociais. Classificam o festival pelo modelo, embora os repertórios tocados e as apresentações artísticas são descritos como abrangentes a vários gêneros e contextos, trazendo, assim, uma reflexão mais complexa a partir de como classificá-lo. Leva a pensar no conceito de liberdade, presente nos vários aspectos do festival, tanto na disposição, faixa etária, apresentações, comportamento e organização.

Foi percebida a “coincidência” entre os participantes lembrar de forma saudosista da mesma música ao falar do repertório: A Asa Branca. Já quanto a disposição do público no festival falaram com certo estranhamento. Nesse caso, pode-se dizer que parte de uma memória coletiva, ou seja, fatos sociais vividos entre eles, os fazem lembrar dessas mesmas coisas dessa forma.

Em conversa pós entrevista com um dos entrevistados, foi dito que sempre que ele ouve a música Asa Branca, tanto na voz de Luiz Gonzaga ou, como diz ele, “versão original”, quanto instrumental, o remete ao festival, como se fosse um gatilho para as lembranças. Ambos os entrevistados não especificaram a razão pela qual performar essa música marcou tanto, embora antes da performance pensassem em gingar capoeira durante a música, ou seja, ela já era importante de certa forma, dentro do repertório.

4. Considerações Finais

Este trabalho de certa forma se deu como um desafio que, por vários momentos, pensei estar tentando extrair “*suco de rocha*”. Partir para as reflexões através das narrativas dos que aceitaram colaborar com a pesquisa, por ser a única opção para este trabalho e também pelas poucas informações que até então considerava relevante, fazia com que sempre me confrontasse com o pensamento de não serem “dados” suficientes para poder fazer esta pesquisa. Entretanto, compreendi o paradoxo do tempo na memória, que ao rememorar o passado, as histórias se ressignificam como se fossem uma mescla do passado e do presente, um entrelace de crenças, conflitos, ideais e medos.

Foi importante contextualizar o período no qual se deu o festival, as implicações daquele período, para entender o lugar deste evento pelo ponto de vista histórico. Entretanto, na memória o *fato* passado não é desligado de todos os *fatos* que são vividos até o hoje. Me questionar sobre o significado do festival para os participantes sem buscar uma resposta “concreta”, pois esse festival aconteceu em 1973, entretanto o *fato* que existe nas memórias dos participantes continua existindo, se ressignificando, coexistindo e se entrelaçando com outros fatos memoráveis, e de certa forma impactando a cada momento. Talvez seja mais fácil no momento em que escrevo este parágrafo, discorrer sobre o impacto que esse trabalho causou em minha vida, que provavelmente será diferente no momento atual, no qual o leitor o lê.

Esta frase: “[...] a liberdade que eu queria não encontrei até hoje”, foi uma frase que me marcou durante as entrevistas e de certa forma, até o momento no qual escrevo trazendo-me sérias reflexões a partir dela. A liberdade apresenta suas várias faces e condições, que com o passar dos anos se reconstruiu e foi se tornando cada vez mais parte integrante dessa busca. O Festival Kohoutek apresenta esta liberdade, como um símbolo presente nas narrativas, ao qual significam, ou ressignificam ao contar suas histórias.

REFERÊNCIAS

- BORLOZ, Alexis Acauan. Malucos:a contracultura e o comportamento desviante – Porto Alegre 1969/72.1986. 187 f.Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1986.
- BOSI, E. A pesquisa em memória social . Psicologia USP, [S. l.], v. 4, n. 1-2, p. 277-284, 1993. DOI: 10.1590/S1678-51771993000100012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34480>. Acesso em: 10 out. 2020.
- BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. Pesquisa qualitativa e o método da história oral: aspectos conceituais. **Acta Paul Enferm.**, v. 13, n. 3, p. 81-91, 2000.
- COITINHO, Éderson Perera. Os movimentos literário-teatrais em Bagé/RS na década de 1970: a luta contra a censura e a repressão.**Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura) – Universidade Federal do Pampa**, Licenciatura em Letras, Bagé, 2016.
- DA COSTA, Leandro Braz. O movimento estudantil e artístico nos festivais de música em área de segurança nacional (1970 a 1976). **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 29, n. 3, p. 410-424, 2020.
- DE ALMEIDA, Carina Santos. Possibilidades ou limites da memória dos jovens: a história oral e a técnica metodológica Grupos Focais. **Métis: história & cultura**, v. 8, n. 15, 2009.
- FLÉCHET, Anaïs. Por uma história transnacional dos festivais de música popular. Música, contracultura e transferências culturais nas décadas de 1960 e 1970. **Patrimônio e memória**, v. 7, n. 1, p. 257-271, 2007.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- KAMINSKI, Leon Frederico. O movimento hippie nasceu em Moscou: imaginário anticomunista, contracultura e repressão no Brasil dos anos 1970. **Antíteses**, v. 9, n. 18, p. 467-493, 2016.
- MARCON, Fernanda. O primeiro lugar vai para...: por uma abordagem antropológica sobre festivais de música e gêneros musicais. **Antropologia em primeira mão**, 2011.

- MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. SPCLAUDINEI, p. 184-189, 2014.
- NAPOLITANO, Marcos. Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro. **Antíteses**, v. 8, n. 15esp, p. 9-44, 2015.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. Narrativas orais de histórias de vida. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 30, 2015.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Ética na pesquisa em música: definições e implicações na contemporaneidade. **Per Musi, Belo Horizonte**, n. 27, p. 7-18, 2013.
- ROSELL, Mariana Rodrigues. “Mas, afinal, o que é liberdade?”: o espetáculo liberdadeliberdade (1965) e a resistência cultural ao regime militar. **Revista Cadernos de Clio**, v. 4, n. 1, 2013.
- SAGGIORATO, Alexandre. Anos de Chumbo: rock e repressão durante o AI-5. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade de Passo Fundo, Programa de Pós-Graduação em História, Passo Fundo, 2008
- SILVA, Rafael Gonçalves Oliveira da. A califórnia da canção nativa como manifestação cultural e musical nos jornais da década de 1970. **Trabalho de conclusão de curso (Especialização) – Universidade Federal do Pampa**. Curso de Especialização em Educação e Diversidade Cultural, Bagé, 2019.
- SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. **MÉTIS: história & cultura**, v. 6, n. 12, 2007.
- TEIXEIRA, Lúcia Helena Pereira. Festivais de coros do Rio Grande do Sul (1963-1978): práticas músico-educativas de coros, regentes e plateia. **Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Porto Alegre, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Transcrições das entrevistas realizadas com Vanderlei e Claudinei

Entrevista com Vanderlei

Realizada Dia 30 de Outubro de 2020

V. “Gravando já?”

R. Entrevista com VANDERLEI, morador da cidade de Bagé

Pode começar contado sobre o que se lembra a respeito do festival Kohoutek.

V. Bom eu não me lembro o dia com clareza, lembro o ano.

R. Sem problemas, fala só do que o senhor lembra.

V. Foi em setenta e três se bem me recordo. Esse tal festival Kohoutek foi montado á no estadual, naquele espaço grande do lado, sabe? Aquele bosque?

Os guris queriam fazer igual aquele festival hippie americano, que o Hendrix faz aqueles solos de guitarra, não me lembro o nome. Como é o nome? Tu sabe de qual to falando?

R. Woodstock?

V. Exatamente! Woodstock. Eu gostava desse padrão de festa, esse negócio de hippie, não era como os de hoje.

R. E quem eram os guris?

V. Tu fala da organização?

R. Isso.

V. Era uma junção dos grêmios estudantis, que naquela época eram outros tempos, os grêmios faziam as coisas.

Não sei te falar ao certo quem era o responsável. Tu via o pessoal da UNE ajudando também, eram vários jovens.

R. Desculpa a interrupção, pode continuar. O senhor tava falando sobre o... modelo hippie de festival.

V. O senhor esta no céu!

(risos)

Hippie por causa da liberdade. Um festival hippie era descolado, era liberdade.

Hoje tu não conseguiria fazer um igual, só naquela época.

Um festival aberto, quem quisesse se apresentar se apresentava, quem quisesse assistir assistia.

Desde que intercalassem com as aulas.

R. Interessante, dessa parte das aulas ninguém comentou.

V. Tu não sabia? Durou uma semana, o espaço ficava aberto, quem quisesse se apresentar se apresentava, quem quisesse assistir assistia. Tu tinha que intercalar com as aulas se quisesse que os alunos estivessem lá na hora de apresentar tua arte.

Apesar que haviam pessoas que circulavam por lá o tempo todo.

Nós não ficávamos o tempo todo, só os guris das outras cidades que ficaram a semana acampados no bosque.

Daí tinha um espaço pra barracas onde haviam as reuniões deles também, mas o espaço ficava aberto pra qualquer um circular, não tinha um impedimento sabe.

Nessa semana apresentações tiveram umas quantas, recitavam poemas, dançavam, cantavam. No dia do grupo de flautas haviam mais grupos pra tocar, com palco e tudo. Também tinham umas bandas de rock.

R. Então não haviam só bandas de rock?

V. Não, não. Tinha de tudo, quem quisesse se apresentar se apresentava. No todo o não tocava só rock lá não, a gente fala festival de rock pelo jeito que foi organizado, mas tinha de tudo.

Tu via pessoas circulando o tempo todo, então quem quisesse mostrar tua arte mostrava. Até em cartazes, desenhos, tudo era bem vindo. Essa é a liberdade que te falo, era de graça, mas os artistas queriam mostrar sua arte. Não haviam prêmios nem cachê, tu mostrava se quisesse e o que quisesse, ninguém criticava. Quando apresentamos com o grupo, haviam várias apresentações no mesmo dia, uma atrás da outra. Nós que abrimos as apresentações.

Nós fomos pra tocar o repertório do grupo de flautas, ninguém reclamava não, ainda mais que queríamos divulgar o IMBA. Tocamos um putpurrie de folclóricas, música gaúcha, nosso repertório era brasileiro. Tocamos a Tu ru ruuu (cantarola o trecho de Asa branca), a Asa Branca. O arranjo da Asa Branca era espetacular.

Por isso que te falo, o festival hippie, mas não era gringo não, era brasileiro. Dos gringos só a liberdade.

Porque quando te falo festival hippie me refiro ao jeito, a liberdade

Quando tu andava por aquele bosque, os guris sentados no chão... Tu via as pessoas espalhadas pelo bosque. Tu via guris de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, os jovens da UNE, até pessoal do Uruguai tinha.

R. Interessante. Agora entendo melhor a dimensão do festival.

V. Tu não entende não. Tu pensa como se fossem os dias de hoje. Tu tem pensar como se tivesse nascido e crescido naquele tempo. Nem Bagé era igual, era muito diferente, Tinha bem menos habitantes, mas era a rainha da fronteira. Vivíamos com a promessa do Militão. O maior centro de desportivo da América Latina.

Era outra cidade. Não era só bagualismo como tu pensas.

(risos)

Me criei nessa cidade, não morei aqui a vida toda, mas me criei aqui. Quando eu era jovem conhecia tudo, todo mundo.

Desde que me dou por gente esse monte de quartel aqui, era um sossego.

Tu podia tudo desde que não interferisse na liberdade do outro.

No festival era assim também, tu era livre, mas não podia intervir na liberdade do outro.

R. Como assim, era uma regra expressa no festival?

V. Não... Nada disso. Tu sabias...;

Tu sabias que tua liberdade não podia atrapalhar a do outro.

Veja, se eu quisesse rolar na lama eu poderia, ninguém falaria: “tu não podes”. Iriam achar que tu era doido, mas não falaria nada.

O que tu não podia fazer era jogar lama no outro. E isso não precisa ninguém te dizer. Entendeu?

R. Entendi.

V. Na rua era outra coisa, tu não rolaria na lama. Poderia, mas daí tu estaria atrapalhando a liberdade do outro. Tu não podia fazer o que bem entendesse na rua. Hoje é tudo escancarado, mas tu não faz o que bem entende na rua porque não quer ser julgado. Naquele tempo era a mesma coisa, só que menos escancarado. Veja, tu é jovem só quer o que não pode, estou errado?

R. Mais ou menos

(risos)

V. (risos)... Não mente pra mim.

Naquele tempo era a mesma coisa, mas não era escancarado.

As coisas eram mais simples.

Tinha tudo que tem hoje, gay, lésbica, drogado, borracho.

Tu só não podia ser vagabundo e falastrão.

Era tudo mais simples, tu queria era andar de mão dada, conversar na rua, ter as namoradinhas, sem ninguém interferindo na tua liberdade. A gente queria ser livre pra fazer as coisas simples do dia a dia.

R. Entendo...

V. Então, essa é a liberdade que to te falando, ali no festival queríamos ser livres, os gringos falavam de paz por causa da guerra. E nós falávamos das amarras. Eu não estava nem ai pra comunistas, conservadores e essas coisas. Só queria ser livre... Mas tu sabe que a liberdade que eu queria não encontrei até hoje. Nem sei se ela realmente existe. Talvez encontre só com Deus...

Rnan: O assunto ta ficando meio mórbido...

(risos)

V. (risos) Tu é novo, ta longe...(tosse) quando tu chegar na minha idade ai tu vai me entender...

(risos)

R. Mas é interessante o que tu tava dizendo... Bem filosófico, e pra ser sincero contigo, ás vezes penso a mesma coisa.

V. E não é?...

Veja, a gente tinha hora e lugar pra sair, hora e lugar pra voltar, mas tínhamos mais vontade das coisas. E as coisas que queríamos eram mais simples.

Hoje se fala muito da censura, dos militares, da luta armada. Tinha tudo isso, mas não era escancarado. Eu fui saber de tudo isso quando entrei pro quartel. Nas ruas era a mesma coisa de hoje, a grande diferença é tu caminhava sem medo de ser assaltado.

Pra tu ver, o tempo vai passando e sempre tu vai querer liberdade, só muda a liberdade que tu quer.

Acho que deu né?

Encerrei a gravação aqui

Entrevista com Claudinei

Realizada Dia 23 de Outubro de 2020

R. Entrevista com o sr Claudinei, participante do festival Kohoutek.

C. Boa tarde.

R. Boa tarde podes partir do que lembras do festival

C. Okay. Vou falando devagar pra não esquecer de nada...

Aconteceu a bastante tempo. Eu era garoto, mais novo que a minha filha, bem mais novo, por volta de uns quatorze anos. Não estava no ginásio ainda, então acho que é isso mesmo, quatorze para quinze anos. Me lembro que foi um festival de rock, e era novidade em Bagé. Lembro que foi no ano do cometa Kohoutek, até por isso do nome do festival... Festival Kohoutek, isso mesmo. Da outra vez eu tinha te falado que foi uma das primeiras apresentações que fiz com o grupo de flautas?

R. Sim, o senhor falou. Mas não tem problema repetir aqui, na verdade é até melhor.

C. Okay. Continuando, conheci o festival através do grupo de flautas, foi uma das primeiras apresentações que fizemos. Abrimos as apresentações, cheguei a assistir algumas apresentações depois da nossa, mas não fiquei até o fim. Eu era bem novo então não podia ficar até muito tarde, senão era coro em casa.

Tocamos com o grupo de flautas as músicas das aulas, o putpurrie de folclóricas sabe... Mulher Rendeira... Tinham as mais populares também, gaúchas, a Asa Branca.... não me recordo direito....

Foi divertido...

Uma coisa que me marcou bastante foi o lugar, era arborizado, bem verde. Conhece aquele bosque do centro? O do estadual, foi lá. O Bosque bem maior do que é hoje, porque não tinha ginásio ali, aquilo era tudo bosque.

R. Onde tem aquelas esculturas de cachorros na entrada.

C. Sim, ali mesmo. Aquele bosque antes era bem maior, não é pequeno hoje, mas antes pegava até la no fundo. No dia organizaram aquele espaço todo pro festival então, ficou mais aberto, as clareiras sabe.

R. Pode descrever?

C. Sim, o espaço?

R. Sim

C. Em relação ao espaço ali... Bom, era bem espaçoso, dava pra circular por ali tranquilo, com exceção das arvores não haviam obstáculos ali. Não tinha assentos, era diferente dessas apresentações tradicionais sabe. Tinha aquele espaço para as apresentações e as pessoas ficavam espalhadas pelo bosque. Uns grupos ficavam sentados em forma de roda, ou levavam tapetes. Alguns levavam cadeiras de casa, quem não queria sentar no chão ficava em pé. No espaço para as apresentações tinha palco, som, tudo feito pelos grêmios. Na verdade tinha bastante gente envolvida na organização, mas não posso te dizer com certeza todo mundo que estava envolvido... Lembro que foi uma iniciativa dos grêmios, mas todo mundo ajudava meio que em mutirão. Quem sabia mexer com madeira ajudava na construção do palco, quem escrevia e desenhava bem fazia os cartazes. Tinha bastante recurso visual lá, era bem colorido.

Haviam pessoas de todas as faixas etárias, porque ficava aberto, mas a maioria eram jovens de variadas idades, os mais novos como eu e um pessoal dos dezoito pra cima. Participaram bastante jovens.

Nada comparado a uma multidão de milhares, mas a festas daquela época sim. Posso arriscar aqui que umas centenas estavam presentes. Outra coisa é que circulava bastante gente, então é difícil eu chutar um número aqui. Mais de trezentas talvez. Fica difícil chutar um número porque não ficava todo o pessoal todo apertado no bosque. Como dizem na TV aglomerados. Porque o bosque era bem espaçoso, então as pessoas ficavam espalhadas por lá. Era bem espaçoso pras pessoas que estava circulando por ali. Montaram o palco bem no canto, quase encostado com a escola. E falando assim tu não imagina a dimensão do palanque, era bem alto, dava até pra ficar embaixo.

R. Interessante, ninguém tinha mencionado antes o palco.

C. O palco... não tinha como não chamar a atenção, tem até uma história com esse palco, posso contar?

R. Fique a vontade

C. Esse palco era bem alto, como te disse cabiam pessoas em baixo. As laterais, falo do chão ao cume sabe, do chão ao piso do pauco na verdade, as laterais eram cobertas com uma espécie de pano, um pano branco. Com a iluminação quem estava na frente do palco via só as sombras de quem estava embaixo.

R. Tipo o sombra do Ratinho?

(risos)

C. Sim (risos), o Vanderlei te contou essa história?

R. Ainda não

C. Então, ele que deu a idéia de gingar capoeira embaixo do palco. Isso enquanto o grupo de flautas tocava a Asa Branca. Até descemos pra ensaiar com ele, mas acabamos que não dançamos na hora. Só que um pessoal viu a gente ensaiando e gostou da idéia. Então a todo o momento havia alguém lá embaixo do grupo dançando ou fazendo figuras de sombra. Parecia um telão de shows.

R. Inventaram uma tendência então

(risos)

C. Inventaram não, o Vanderlei que veio com a idéia, mérito dele. (risos) Falava que ficaria bem brasileira a apresentação, e não discordamos, porque a idéia parecia boa. Foi tão boa que ficaram fazendo igual depois.

(risos)

Houve uma pausa aqui e não teve mais gravação.